Assuntos Diversos

ISSN 0104-0073
eISSN 2447-7443
Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional

O SIGNIFICADO DO BATISMO PARA A COMUNIDADE DE JESUS CRISTO. UMA DECLARAÇÃO DA COMISSÃO TEOLÓGICA[1]

The meaning of baptism for the community of Jesus Christ. A declaration of the Theological Commission

Comissão Teológica da Confederação de Gnadau[2]

RESUMO

O presente texto contém uma declaração teológica da Comissão Teológica da Confederação de Gnadau, na Alemanha, sobre o tema do batismo. Num primeiro momento, os autores

[1] Texto aprovado pelo Conselho Editorial, em reunião realizada em 18 de junho de 2014. A presente "Declaração" foi traduzida do alemão por Claus Schwambach.

[2] N.T. [Nota do Tradutor]: A Declaração, em sua versão alemã, foi discutida e elaborada pela Comissão Teológica de Gnadau. Fazem parte dela: Hans-Joachim Martens, Woltersdorf; Karl-Heinz Bormuth, Marburg; Dr. Joachim Drechsel, Marburg; Dr. Helmuth Egelkraut, Weissach im Tal; Gottfried Geweniger, Lößnitzo; Dr. Eberhard Hahn, Tübingen; Dr. Rainer Knieling, Wuppertal; Dr. Christoph Morgner, Siegen; Dr. Klaus vom Orde, Recklinghausen; Theo Schneider, Dillenburg; Paul-Gerhard Schwesig, Cöthen; Claus-Dieter Stoll, Sulz am Neckar; Martin Westerheide, Puschendorf. Ela foi resultado de um consenso entre as entidades que compõem a Confederação de Gnadau ("Gnadauer Gemeinschaftsverband" – cf. <http://www.gnadauer.de/>. Acesso em: 15 abr. 2014) na Europa, em especial, Alemanha. Foi aprovada na reunião da Confederação de Gnadau em Dillenburg, no dia 6 de março de 2001. A versão final, base desta tradução, data de 06.03.2001. A tradução visa a torná-la acessível ao público brasileiro. A Confederação de Gnadau representa o Pietismo, que atua de acordo com a tradição teológica da Reforma protestante, em especial, luterana.

apresentam diversos argumentos, utilizados por membros de comunidades cristãs, para questionar a prática atual do batismo, em especial, do batismo de infantes. Em um segundo momento, os autores desenvolvem uma definição do que entendem por batismo e do que ele efetua, tendo por base de argumentação a tradição teológica da Reforma (em especial, luterana) e do Pietismo. Num terceiro tópico, arrolam diversas observações sobre a teologia e a práxis batismal, encontradas ao longo da história da igreja. No quarto tópico, apresentam as diversas dimensões que fazem parte da vivência prática do batismo no dia a dia do cristão. E, por fim, elaboram uma série de contra-argumentos, a partir das Escrituras e da tradição teológica da Reforma e do Pietismo, em relação às críticas feitas na atualidade ao batismo, em especial, à práxis do batismo de infantes.
Palavras-chave: Teologia do batismo; batismo de infantes; batismo no Pietismo; Movimento de Comunhão de Gnadau.

ABSTRACT

The present text contains a theological declaration of the Gnadau Confederation Theological Commission, in Germany, on the matter of baptism. In a first moment, the authors present diverse arguments utilized by members of Christian communities to query the practice of infant baptism, besides mentioning other difficulties faced by Christian churches in relation to the baptismal practice. In a second moment, the authors develop a definition of what they understand by baptism and what it affects, according to the Reformation (in special Lutheran) and Pietistic theological tradition. On a third topic, diverse observations on the theology and baptismal practice made throughout the history of the church will be registered. On the forth topic, diverse dimensions that are part of the practical experience of baptism in the daily life of the Christian will be presented. And, lastly, a series of Scripture based counter-arguments and also from the theological tradition of the Reformation and Pietism will be made, in relation to the criticisms made in contemporaneity to baptism, in special to the practice of infant baptism.
Keywords: *Theology of baptism; Infant baptism; Baptism in Pietism; Gnadau Communion Movement.*

1 OBSERVAÇÕES INICIAIS

1. Nas últimas duas décadas, houve reflexões intensivas sobre o significado do batismo, também nos Movimentos de Comunhão e nas Confederações de Gnadau. Apesar de terem ocorrido publicações anteriores da *Confederação de Gnadau*[3], respectivamente da *Obra de Comunhão de Gnadau*[4], bem como de confederações individuais e grupos de trabalho sobre esse tema, as questões relativas ao assunto

[3] N.T.: Entidade localizada na (antiga) Alemanha Ocidental – República Federal da Alemanha; Alem.: *Gnadauer Verband.*

[4] N.T.: Entidade localizada na (antiga) Alemanha Oriental – República Democrática da Alemanha; Alem.: Oriental – „*Gnadauer Gemeinschaftswerk*“.

não silenciaram. Em tempos de mudanças, como são estes que experimentamos momentaneamente, em todas as dimensões, isso é plenamente compreensível.

2. A comissão teológica, que espelha, em sua composição, a diversidade das compreensões defendidas no Movimento de Gnadau, ocupou-se novamente, em longas rodadas de diálogo, com o amplo complexo temático em torno do batismo. Disso resultou uma declaração que procura argumentar de forma poimênica e dialogal. Por meio desse procedimento, são dados auxílios para o diálogo com pessoas que possuem questionamentos e estão em busca de respostas.

3. Na reflexão do que significa o batismo, dever-se-ia atentar, a todo custo, que aquilo que se afirma não seja arrancado de seus contextos bíblicos mais amplos. Segundo a compreensão evangélica, trata-se principalmente da convicção de que o ser humano não deve, primeiramente, realizar algo, mas que ele é alguém presenteado, que recebe de Deus a salvação. A partir daí, abre-se uma visão panorâmica dos diferentes contextos no testemunho da Escritura Sagrada, que é decisiva para o lidar consciente e responsável com os desafios da atualidade, na práxis dos movimentos de comunhão e comunidades.

4. Com esta declaração, a comissão teológica deseja, primeiramente, embora não exclusivamente, dirigir-se às obreiras e aos obreiros em tempo integral e de atuação voluntária no âmbito do Movimento de Comunhão[5]. Ela quer fomentar

---

[5] N. T.: O Movimento [Pietista] de Comunhão (alem. "Gemeinschaftsbewegung") abarcado pela Confederação de Gnadau, abrange mais de 60 obras de atuação missionária e comunitária, que atuam no interior das assim chamadas *Igrejas Territoriais* (alem. "Landeskirchen") da Alemanha e outros países da Europa. No Brasil há, nestes mesmos moldes, uma entidade que tem suas raízes históricas e continua vinculada à Confederação de Gnadau, que é a Missão Evangélica União Cristã – MEUC, a qual existe no Brasil desde 1927, com foco de atuação principal nos três estados do sul do Brasil e no Paraguay. A MEUC atua como movimento de comunhão, de vida e de trabalho, internamente à IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. A IECLB não constitui, no rigor da palavra, uma "igreja territorial", como é o caso da Alemanha. Aqui no Brasil ela se constitui, por razões de ordem histórica, como igreja livre. Ainda assim, o modelo herdado e praticado, que tem norteado as relações da MEUC com a IECLB é, ao menos em parte, o modelo que tem norteado as relações das assim chamadas "Landeskirchliche Gemeinschaften" com as Igrejas Territoriais (alem.: "Landeskirchen"). Inclusive, percebe-se que, na Alemanha, a autocompreensão dessas entidades pietistas já é expressa no próprio nome, que traduzido, significa: *Movimento de Comunhão da Igreja Territorial*. Isso implica que os Movimentos de Comunhão vinculados à Confederação de Gnadau optaram, em sua esmagadora maioria, por não constituírem igrejas livres, mas por buscarem espaços de atuação legítimos dentro das respectivas igrejas territoriais. O mesmo se dá com a MEUC. Diferente foi a opção histórica, aqui no Brasil, da *Igreja Evangélica do Cristianismo Decidido*. Ela tem suas

um debate frutífero, e espera-se que ela contribua para uma maior compreensão e para um consenso na questão do batismo.

2 O BATISMO – UM ESTOPIM PARA O MOVIMENTO DE COMUNHÃO

1. O Movimento de Comunhão, enquanto movimento de renovação interno na igreja, é confrontado atualmente de duas maneiras com o tema batismo:

De um lado ele encontra, nas igrejas territoriais constituídas, uma práxis de batismo de infantes que – a despeito de diversas objeções – é realizada com grande naturalidade. De outro lado, ele se ocupa com intensa crítica em relação ao batismo de infantes, que procede em parte de círculos de igrejas livres, mas em parte não insignificante, também de suas próprias fileiras.

A crítica ao batismo de infantes é fundamentada por meio de argumentos, tais como:

- *"O batismo de infantes não aparece na Bíblia."*
- *"Eu gostaria de decidir eu mesmo, se e quando eu me deixo batizar – meus filhos devem ter a mesma liberdade."*
- *"Se eu me deixo batizar, então quero vivenciar isso de forma consciente, enquanto que um bebê não tem lembrança de um acontecimento desses."*
- *"O batismo de membros adultos, oriundos de uma igreja territorial, não configura um rebatismo, pois o batismo de infantes deles não foi um batismo autêntico; já o batismo de fé é ordenado na Bíblia."*
- *"Será que, fundamentalmente, não deveríamos introduzir o adiamento ou postergação do batismo na igreja, ao menos como alternativa ao batismo de infantes? Então seríamos poupados de muitas tensões."*
- *"Eu não entendo por que nos tornamos membros de uma determinada igreja com o batismo."*

---

origens no Movimento de Comunhão de Gnadau e se entende como estando, de certa forma, ligada ao mesmo, mas optou por constituir uma igreja livre e independente aqui no Brasil, desvinculando-se da igreja evangélica, seja de tradição luterana ou reformada. Cf. Lodemar SCHLEMPER (Org.). *Diga ao povo que ande! Missão Evangélica União Cristã – 80 anos. Edição comemorativa*. Editora União Cristã: São Bento do Sul, 2007, p. 19-62 e, em especial, p. 321-352.

2. Para pessoas que pertencem ao Movimento de Comunhão, acrescentam-se outras perguntas:

- *"Se eu encontrei meu lar espiritual dentro do Movimento de Comunhão, vinculado à Igreja Territorial ('Landeskirchliche Gemeinschaft') – por que eu preciso então dispor dos serviços do pastor local para o batismo de meus filhos ou também para a cerimônia de casamento e enterro?"*
- *"Será que nós não somos, como Movimento de Comunhão, uma comunidade plenamente válida no sentido bíblico?*"

Simultaneamente, levantam-se resistências contra a conexão entre batismo e membresia em uma Igreja Territorial Evangélica. Entende-se, nesse caso, o batismo como ato de inserção na verdadeira e invisível comunidade de Jesus Cristo e/ou no respectivo Grupo de Comunhão ou grupo local. Diante do pano de fundo de tais considerações, deseja-se, em muitos lugares, a bênção de crianças e o batismo de adultos.

3 O QUE É O BATISMO E O QUE ELE EFETUA

1. Esta declaração está sustentada na convicção de que a Escritura Sagrada nos compromete e, por isso, também nos une uns aos outros. Como cristãos evangélicos, ouvimos a Palavra de Deus em consonância com as Confissões da Reforma. Essa Palavra fala, no Novo Testamento, de um só batismo (Ef 4.5), de forma que não dá para deixar de ouvi-la. *É decisivo que, em todo o testemunho da Escritura, Deus é aquele que age no batismo, pois o batismo acontece em nome do Deus triuno.*

Conforme o testemunho dos Evangelhos, o batismo foi instituído pelo Senhor Jesus Cristo, o Ressurreto (cf. Mt 28.18ss; Mc 16.15). Ele está fundamentado no sofrimento, na morte e na ressurreição de Jesus. No batismo, o cristão ganha participação no destino de Jesus Cristo, no julgamento sobre o pecado e em sua nova vida. Por meio dele, o veredito de morte de Deus e o veredito de vida de Deus são efetuados no batizando, e ele é unido, de forma intensa, a Jesus Cristo: *Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante*

a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova (Rm 6.3s; cf. Cl 2.12).

Em Mateus 28.18, Jesus liga o batismo com seu senhorio, que se estende sobre toda a terra. Quando pessoas são batizadas "em Cristo", e Jesus é chamado de Senhor e confessado como tal, o batismo aponta para uma mudança de senhorio na vida dessa pessoa: não apenas atos pecaminosos são perdoados; a pessoa é também liberta do poder do pecado e chamada para uma vida em pureza, santidade e justiça. Dessa forma, o batismo e a nova vida em Cristo estão interligados (cf. Rm 6.1-11).

O batismo tem o seu lugar no tempo entre a ascensão e a volta de Jesus Cristo, isto é, no tempo em que a comunidade de Jesus Cristo vive "por fé e não pelo que vê" (2 Co 5.7). Nesse tempo, a nova vida em Cristo ainda está escondida (Cl 3.3), mas ela é, ainda assim, uma realidade. Essa nova vida é anunciada na forma de uma promessa firme e certa de Deus ao batizado[6]. Inclusive, toda a pregação que se dirige ao batizado é anúncio ou promessa[7], sempre novamente atualizado, de que essa pessoa foi batizada na morte e na ressurreição de Cristo. Para o batizado, o compromisso com a nova vida pressupõe a palavra criadora de Deus, que o encontra na doutrina e na proclamação da Palavra, que opera nele fé e vida (Rm 6.4; Cl 2.12; 3.1-3; Ef 1.19s; 2.5s). Com isso, o batismo é um acontecimento pessoal entre Deus e o ser humano. O batizado não recebe alguma coisa. Antes é Cristo mesmo que, por intermédio de sua Palavra e seu Espírito entra num relacionamento com ele. Por essa razão, o batismo não é um mero acontecimento simbólico nem uma ação mágica, mas por meio dele, Deus anuncia ao ser humano a sua salvação de forma inconfundível, única e pessoal. Batismo – vida na comunidade – palavra – fé – obediência para a nova vida formam um complexo indissolúvel (veja tópico 2, abaixo).

O batismo é realizado com água, mediante o recurso à ordem e à promessa de Jesus. O oficiante age, nesse momento, em lugar de Cristo. No evento do batismo, a palavra falada está unida com a palavra enquanto "palavra visível". Aqui é o Deus triuno mesmo que está presente. No batismo, ele toma a água como elemento da criação, a serviço de seu agir criador de salvação. Desse modo, Deus mesmo age, de forma válida, por intermédio do simples ato do batismo.

2. Na prática batismal diversificada dos cristãos, essas constatações bíblico-

[6] N.T.: alem. "zugesprochen".

[7] N.T.: alem. "Zuspruch". O termo poderia ser traduzido também como promessa, promissão.

teológicas recebem diferentes pesos, sendo valoradas de diferentes modos:

Na prática do batismo de infantes, a prioridade do agir salvador de Deus, que antecede a fé, por meio da qual o ser humano responde ao agir de Deus, é enfatizada. Por essa razão, consideramos que o batismo de infantes é uma boa prática. Entretanto, também vemos, nessa prática, o perigo de que o chamado para a fé seja desleixado. Nesse ponto, residem a tarefa e a promessa da comunidade cristã, dos pais e padrinhos cristãos em relação ao batizando. No batismo de crianças, a comunidade que crê, bem como a fé dos pais e padrinhos não pode substituir a fé do batizado, mas ainda assim, antecipá-la, envolver e preparar o caminho para essa fé por meio da Palavra e da oração.

Na prática do batismo de adultos que creem, é enfatizada mais a resposta do ser humano ao chamado de Deus. Embora consideremos que seja relativamente grande o perigo de que, por meio disso, os crentes que estão sendo batizados confiem mais em sua decisão humana do que no agir de Deus, respeitamos a decisão em favor de um batismo de adultos.

Em razão do testemunho bíblico, deve ser rejeitada uma prática de rebatismo, porque ela não leva a sério a promessa de Deus feita no batismo ocorrido, sim, até mesmo a nega.

Também deve ser rejeitada uma compreensão de batismo que dissocia o batismo da conexão que há entre a antiga e a nova aliança, a comunidade, a palavra e a fé, conexão esta que se fundamenta a partir do conjunto do testemunho bíblico.

4 APONTAMENTOS A PARTIR DA HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ

1. Não causa espanto o fato de, principalmente os pais advindos do paganismo para a antiga cristandade, terem tido para com os filhos que lhes nasciam um interesse principal: "Também nossas crianças devem ter participação na salvação e na proteção de Deus; elas não devem viver distantes de sua comunidade, de seu Espírito, de seu senhorio e de sua misericórdia; afinal, não se pode deixar as crianças sob o domínio de poderes contrários a Deus!". Nesse desejo, a cristandade antiga reforçava a palavra inequívoca de Jesus: *"Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas"* (Mt 19.14). Encontramos diversos indícios, na primeira cristandade, que deixam

reconhecer que a conversão de "chefes de família" era vinculada, de modo bem natural, com o batismo de toda a "casa" (veja At 16.15; 16.31; 18.8; 1 Co 1.16); a uma casa pertenciam, ao lado de crianças menores de idade[8], também os escravos. O batismo de crianças que ainda eram amamentadas se encontra transmitido nos registros, de forma explícita, desde o final do século II.

2. Embora houvesse, ocasionalmente, críticas a essa prática ou uma rejeição ao batismo de crianças pequenas, por parte de grupos heréticos, *ainda assim isso não conduziu a igreja a questionar esta prática de forma séria por mais de 1300 anos.* Foi somente no contexto da *mudança de perspectiva, que ocorreu com o advento da Modernidade*, ocasião em que a capacidade e a autonomia do indivíduo passaram a ocupar o centro dos interesses e também a comunidade foi mais e mais vista como uma associação de personalidades piedosas, que o batismo de crianças também foi colocado, de forma sempre crescente, sob questionamento. Nesse momento, no contexto do batismo de crianças, é a decisão pessoal do ser humano, enquanto responsável por si mesmo, bem como a confissão de sua fé e a sua disposição para uma nova mudança de vida que passam a ocupar o centro das atenções. Pelo fato de não se poder exigir essas coisas de uma criança que ainda está sendo amamentada, o batismo de infantes é sufocado pelo batismo de pessoas adultas.

5 VIVER A PARTIR DO BATISMO

1. O batismo, como ato único e que não pode ser repetido, permanece sendo algo fundamental para toda a vida do cristão. É a partir do batismo que a nova vida é reconhecida como "vida em Cristo". A pregação chama a pessoa de volta para aquilo que Deus fez no batismo: nós somos lembrados do que aconteceu conosco lá no batismo e somos exortados para um viver na graça e na nova vida. A comunidade não pode ser reconhecida como comunidade de Jesus pelo critério de suas atividades, nem mesmo pelo seu crescimento. O que ela realmente é vem à luz a partir daquilo que Deus fez nela. E isso se torna visível no batismo. E é a partir deste aspecto que a vida do indivíduo e a da comunidade deve ser avaliada: será que essa vida corresponde ao agir de Deus, é ela uma "vida a partir do batismo"?

[8] N. T.: alem. „unmündigen Kindern" – i. é, crianças menores de idade, dependentes dos pais, sem capacidade de decisão própria.

2. No Novo Testamento, não se encontra uma descrição nem uma interpretação abstrata da sequência do ato batismal. Em contrapartida, é testemunhado, de diversas formas, a respeito do que Deus fez na pessoa do batizado, por meio do batismo, bem como o que ele faz no presente e o que ele quer fazer em futuros cristãos. De forma correspondente, também a igreja de Jesus Cristo é instruída a testemunhar, em seus diferentes âmbitos, o presente que Deus lhe faz no batismo: por meio dele, concede a sua graça e capacita a viver dessa graça. Na devocional familiar e no ensino ministrado nos jardins de infância, nas aulas de ensino religioso e no ensino confirmatório, em cultos infantis e no trabalho de jovens, em diferentes formas do "ensino confirmatório para adultos" e, não por último, em círculos de estudos bíblicos e seminários, deve ser testemunhado o que Deus fez em Cristo Jesus e o que ele prometeu ao cristão individual no batismo. A celebração do dia do batismo (ao lado do aniversário) pode chamar esse acontecimento, dentro do transcorrer do ano, à lembrança. A atualização do agir de Deus no batismo recebe uma força típica na poimênica (cura d'almas ou aconselhamento): em situações de depressão, de doença ou da proximidade da morte, o significado de todo fazer e querer próprios pode sucumbir. A única coisa que carrega a pessoa é a promessa inquebrável da fidelidade de Deus. E esta foi dada de forma pessoal, inconfundível, de uma vez por todas no batismo: "Tu és batizado. Por meio do batismo, o Senhor, Todo-poderoso, assumiu o senhorio sobre a tua vida; também neste momento, ele não te deixará cair de sua mão; por isso ele se comprometeu no batismo, como carta oficial [ofício] e selo de seu agir. Ele te carregará, também quando tu não souberes, creres ou sentires mais nada".

3. Mesmo que os questionamentos críticos em relação ao batismo, que foram mencionados acima e surgiram no contexto da individualização, sejam compreensíveis, ainda assim, eles não fazem jus à grandeza do presente divino do batismo. Também, neste ponto, tudo vai depender, em última instância, se a crítica pessoal a ações eclesiásticas que, possivelmente, acabaram se tornando estranhas, é quem perfaz o critério para o nosso agir; ou se existe a disposição em ouvir atentamente a riqueza bíblico-teológica da doutrina e, a partir desta, obter critérios coerentes para moldar a vida na comunidade de Jesus Cristo.

4. Na história do Movimento de Comunhão[9], a mensagem da conversão, do novo nascimento e da santificação esteve no centro das atenções. O ensino sobre o batismo e a pregação sobre o batismo foram desleixados. Por essa razão, nós

[9] N. T.: Alem.: *Gemeinschaftsbewegung*.

precisamos refletir novamente sobre as linhas bíblicas fundamentais a respeito do batismo. Faz parte disso a pregação da justificação, no sentido do agir de Deus em nós, enquanto agir que elege, chama, aviva e salva, e que, por meio de sua Palavra, cria a fé e opera o novo nascimento. Isso inclui a lembrança ou rememoração do batismo. Pregação sobre o batismo é chamado para a fé e deve ser também uma pregação da necessária santificação, que está inseparavelmente ligada ao batismo (Rm 6.1-11; Ef 4.17ss).

5. Tal pregação sobre o batismo preserva do equívoco de um novo nascimento pelo batismo sem a fé, bem como diante do anseio por um rebatismo. Ela leva a sério a promessa de Deus, dada de uma vez por todas, e confia na Palavra, que opera por meio da fé. O alvo é que a vida a partir do batismo acompanhe o crente, como isso foi praticado pelos pais na fé (Martin Luther, Philipp Jacob Spenner).

6 RESPOSTAS A OBJEÇÕES DO BATISMO DE INFANTES NA ATUALIDADE

1. *"O batismo de infantes não aparece na Bíblia"*.

Nos tempos apostólicos, o evangelho foi proclamado em uma situação originalmente missionária, na qual, era normal que adultos, que haviam se voltado para a fé cristã, eram batizados. O Novo Testamento relata, de diversas formas, que os apóstolos batizavam pessoas com suas casas inteiras (At 16.15, 31; 18.8; 1Co 1.16). À "casa" pertenciam, naquela época, os membros de uma família, incluindo crianças pequenas, e que ainda eram amamentadas, e/ou escravos. Dessa forma, os apóstolos julgavam ser algo coerente com o evangelho incluir crianças pequenas no batismo.

2. *"Eu quero decidir por mim mesmo, se e quando eu me deixo batizar – meus filhos devem ter a mesma liberdade"*.

Em relação ao momento do batismo, essa argumentação se apresenta como uma possibilidade. Naturalmente, reside nessa concepção o perigo de que a decisão da pessoa seja supervalorizada. Já o batismo de infantes enfatiza: o agir salvador de Deus antecede a resposta humana, que acontece por meio da fé. Esse aspecto precisa ser resguardado, também no caso de uma decisão em favor do batismo de adultos.

Em relação à liberdade de decisão humana, de forma geral, vale refletir:

deixar-se batizar pelo fato de que o chamado de Deus à salvação foi ouvido e aceito, isso não é uma decisão livre, que se toma como o fechamento de um contrato. Ninguém é por si mesmo livre, de modo que possa aceitar a salvação. Apenas onde a palavra criadora do evangelho age, acontece o arrependimento e a aceitação do anúncio da salvação em Cristo pela fé. Se uma pessoa, independentemente de sua idade, toma a decisão de aceitar a salvação, então isso é sempre o resultado do chamado conquistador de Deus e do agir de seu Espírito Santo. E este age "onde e quando lhe apraz"[10]. Nesse contexto, deve-se apontar para o seguinte ponto: faz parte da compreensão bíblica, do ser pai e mãe, que as crianças são conduzidas para dentro da comunhão da fé, e isso do mesmo modo como, em muitas outras áreas da vida, os pais decidem pelos filhos e os introduzem na vida.

3. *"Se eu me deixo batizar, então eu quero vivenciar isso de forma consciente, enquanto que uma criança, que ainda está sendo amamentada, não possui lembrança alguma deste acontecimento"*.

O argumento é, num primeiro instante, compreensível. Por detrás dele, está o anseio por vivenciar algo, de forma consciente, e que envolva os sentimentos e o desejo por uma experiência pessoal, que permita que a pessoa entenda o que está acontecendo com ela. Ainda assim, precisa-se ponderar: o fundamento para a certeza da salvação não é a experiência, que sempre permanece questionável, mas justamente aquilo que acontece de forma independente do indivíduo: a promessa de Deus, que vem ao ser humano de fora (*extra nos*). Essa promessa ou esse anúncio da graça não exclui a experiência, mas antes a inclui. Isso se mostra, por exemplo, no fato de que, por meio da certeza do perdão de pecados, a pessoa experimenta paz e alegria, e quando pessoas são consoladas na provação por saberem que são batizadas.

Quem vivencia seu batismo de forma consciente não possui vantagem em relação àquele que foi batizado como bebê que ainda era amamentado e que poderá anuir ao seu batismo, mais tarde, pela fé.

4. *"O batismo de membros adultos, oriundos de uma Igreja Territorial, não configura um rebatismo, pois o batismo de infantes deles não foi um batismo autêntico; já o batismo de fé é aquele que foi realmente ordenado na Bíblia"*.

Conforme essa argumentação, o passo da fé deveria preceder o batismo. O batismo mesmo é, então, apenas um ato de confissão perante a comunidade e o mundo e um ato de obediência diante do testemunho bíblico. Assim, o batismo de

[10] N.T.: Aqui há uma alusão explícita à *Confissão de Augsburgo*, Art. 5.

infantes não valeria nada, e um novo ato batismal seria necessário.

Em contraposição a essa concepção, nós constatamos: *o batismo não é, em primeira linha, um ato de confissão, mas promissão divina sobre o batizando*. Essa promissão não é uma palavra vazia. O batismo é uma carta oficial de Deus, com um selo posto sobre sua promessa para com a pessoa individual. Essa promessa permanece sobre uma pessoa, mesmo se ela, no momento do recebimento do batismo, não puder acolhê-lo de forma consciente. A validade e o valor do batismo não dependem da qualidade da experiência subjetiva feita pelo batizando, mas da qualidade única e não anulável da promissão divina sobre o batizando.

Também o batismo vivenciado ou experimentado de forma consciente não torna a pessoa imune diante da tentação e nem diante da incredulidade. Por exemplo: será que o batizado terá que se deixar batizar mais uma vez, quando ele entrar em tentação, fazendo com que questione se sua conversão, a sua decisão de fé, sua vontade de entrega a Deus e sua vontade de confessar a fé, na ocasião de seu batismo, foram autênticos e bons o suficiente perante Deus? Tanto o batizado adulto quanto o batizado como criança/bebê devem recorrer exclusivamente à promessa de Deus, pois ambos vivem na contínua dependência de Deus e de sua Palavra graciosa.

5. *"Será que, fundamentalmente, não deveríamos introduzir o adiamento ou postergação do batismo na igreja, ao menos como alternativa ao batismo de infantes? Então seríamos poupados de muitas tensões"*.

Primeiro, precisamos constatar que o adiamento do batismo, em muitas Igrejas Territoriais[11], é possível sob o ponto de vista legal e é também praticado. Porque o agir salvador de Deus antecede toda resposta humana, nós consideramos o batismo de infantes como sendo aquela práxis que melhor expressa a fé evangélica. Ao lado deste, nós respeitamos, quando irmãos e irmãs dão um peso diferente do que nós aos argumentos bíblico-teológicos que arrolamos e falam em favor e optam pela assim chamada postergação do batismo, respectivamente pelo batismo de adultos. Entretanto, está claro que um batismo postergado ou adiado não é um batismo melhor. Também um batismo postergado compromete pais e comunidade à pregação do evangelho que efetua a fé.

Deus age no batismo. Por que deveríamos privar nossas crianças pequenas de algo que já os cristãos praticavam em suas "casas" no período dos apóstolos?

6. *"Eu não entendo por que nos tornamos membros de uma determinada igreja*

[11] N. T.: Pensa-se, aqui, nos escritos normativos de várias Igrejas Territoriais alemãs.

com o batismo".

Experiências negativas com a igreja fazem com que tais concepções pareçam compreensíveis. Em todos os lugares, onde cristãos se reúnem, e que a igreja enquanto objeto de fé adquire, por meio disso, uma expressão visível, existem, ao lado de experiências animadoras, também falhas, culpa e fracassos. A comunidade crida (i. é, aquela que é objeto da nossa fé) não pode ser separada da realidade de comunidade experimentada.

A isso está ligada a questão de que o batismo tem e precisa ter seu lugar em uma comunidade visível e, nela, de modo central, no culto da comunidade. Batismo, comunidade, palavra e fé não devem ser separados uns dos outros. Eles não se desenrolam apenas no espírito e nos pensamentos, mas se tornam audíveis, visíveis, experimentáveis, adquirem expressão tanto na história de pessoas individuais como em comunidades e igrejas inteiras. Cada igreja, cada comunidade tem, nesse caso, sua história, suas confissões e seus regulamentos, possuindo implicações para a forma do batismo.

O agir de Deus no batismo, por intermédio do qual o batizando é incorporado no corpo de Cristo (At 2.41; Ef 4.4-6), encontra sua expressão visível no ingresso e, com isso, na membresia na comunidade e igreja que efetuam o batismo. O batismo é, dessa forma, o ingresso em uma comunidade visível, que contribui para o encontro de um lar e de uma identidade espiritual.

O trabalho dos Movimentos de Comunhão inseridos nas Igrejas Territoriais se autocompreende (independentemente do grau de cooperação com a igreja) como tendo o seu lugar na Igreja Territorial. Por isso, as pessoas batizadas, que pertencem ao Movimento de Comunhão, são membros de suas respectivas Igrejas Territoriais, e isso também quando elas consideram o Movimento de Comunhão como seu lar espiritual.

7 PALAVRAS CONCLUSIVAS

Nós não pensamos de forma minimalista a respeito do batismo. Jesus Cristo ordenou aos seus discípulos que batizassem. O batismo é sua dádiva para nós. Deus fez tudo por nossa salvação, antes que nós soubéssemos ou fôssemos capazes de fazer algo.

A alegria no batismo é, por isso, antes de tudo, alegria em Jesus. E por isso

ser assim, nós vamos testemunhá-lo e à sua salvação perante as pessoas: diante de batizados e não-batizados, cujo número cresce sempre mais em nosso país.

O batismo está inseparavelmente ligado à pregação do evangelho salvador, que chama à fé por parte da comunidade. Esta toma sobre si uma grande responsabilidade, quando batiza – trate-se de crianças ou de adultos.

O diálogo sempre renovado sobre o batismo faz parte dessa responsabilidade, em especial, sobre o relacionamento entre Palavra de Deus e batismo, fé e batismo, comunidade e batismo. A presente Declaração da Comissão Teológica de Gnadau quer contribuir para essa finalidade.

Dillenburg, 6 de março de 2001.